



## ARTIGOS

**3 CONVERSA AFINADA**  
**Música fora da caixa**  
**Cantoria nos hospitais**  
 Westh Ney Rodrigues Luz

**13 A atrofia da experiência**  
 Felinto Pessôa

## SEÇÕES

**2 PRELÚDIO**

**8 COROS GRADUADOS**  
**Coro infantil**  
 Rachel Abreu

**11 NOTAS E NOTÍCIAS**

**16 HINO DO MÊS**

**Julho – Nesta grande cidade**  
**vivemos**  
 Araújo/Faustini

**Agosto – Livre em Cristo**  
 J. Moraes/R. Manuel

**Setembro – Que a pátria inteira**  
**cante em teu louvor**  
 Herbert/McCutchan

**19 REPERTÓRIO**

**Deus está presente**  
 Joachim Neander  
 Arr. Theógenes E. Figueiredo  
 Flautas

**Jesus foi criança como eu**  
 Almir Rosa  
 Arr. Theógenes E. Figueiredo  
 Flautas

**Formoso Cristo**  
 Arr. Theógenes E. Figueiredo  
 Flautas

**Um de nós**  
 Stella Junia  
 Vozes femininas

**Sou feliz**  
 Anderson Alves  
 Coro infantil

**31 ORDENS DE CULTO**  
**Ordem de culto infantil**  
**pela pátria**  
**Culto a Deus pela pátria**  
 Rachel Abreu

**VERNER GEIER (Santo Ângelo, RS, 1950)**

Compositor prolífico e muito querido pelo Brasil evangélico. Formado em Música Sacra no Seminário do Sul/STBSB, em composição na Universidade Federal de Brasília, pós-graduado em Regência e Administração Escolar. ministro de música nas igrejas batistas: PIB de Ijuí, RS; PIB de Mesquita, RJ; Acari, RJ; Central de Taguatinga e do Lago Norte em Brasília. Exerceu o magistério no Instituto Batista de Ijuí, no campus avançado do STBSB e Faculdade Teológica Batista de Brasília, DF. Seus textos são inspirados nas Escrituras. Tem coletâneas musicais publicadas pela JUERP e para grupos específicos. No Hinário para o culto cristão estão três hinos: 311, 380 e 407. Entre suas obras, o oratório "A Criação" apresentado pela primeira vez em Goiânia. Durante muitos anos, O Jornal Batista publicou seus hinos e cânticos cifrados. Trabalhou com Ken Litton na edição com cifras do HCC, publicado em 1995.



*“Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações (...) ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei” – Mateus 28.19,20*

**A**ssim os cristãos decoram e recitam o texto conhecido com o IDE de Jesus ou a grande comissão. E, por isso, nós músicos, precisamos sair fora das paredes que nos cercam e protegem indo ao encontro dos que estão em outros lugares e que, talvez, em nenhum momento de suas vidas entrariam em um local comum de cultos de uma igreja, principalmente nos leitos de um hospital.

Na Conversa afinada (p. 3) o assunto é apresentado em forma de narração e com sete testemunhos de regentes e líderes que realizam este ministério, o da cantoria nos hospitais.

O texto nos desafia para que corramos pelos vales e montanhas e alcancemos as pessoas com as canções que podem consolar, confortar e trazer alento à alma abatida e enferma.

Os destaques neste número serão para dois novos escritores que apresentam assuntos pertinentes ao desenvolvimento do cristão como Felinto Pessoa Faria, no texto “A atrofia da experiência” (p. 13) e que nos convida para que estudemos, que leiamos a Bíblia, que compartilhem experiências, dizendo que a falta destas desencadeia a falta de esperança e de respostas. Rachel Abreu, na seção Coros Graduados (p. 8), traz um artigo sobre “Coro infantil”, abordando a importância da preparação vocal na construção da sonoridade do coro – técnica vocal e aquecimento. Afirma que é importante treinar as vozes infantis para que sejam evitados abusos vocais. Ressalta sobre o perigo de usar uma técnica errônea na infância causando um problema no desenvolvimento impróprio de músculos usados no canto.

Em “Repertório” (p. 19), temos três arranjos para flautas com o nosso colaborador constante, Theógenes E. Figueiredo. Stella Junia e Anderson Alves participam pela

primeira vez com composições para coro feminino e coro infantil. A todos nossa gratidão.

As duas ordens de culto (p. 31 e 32) são sobre a pátria, sendo uma para as crianças, organizadas pela MM Rachel Abreu.

Segue a poesia abaixo que poderá ser usada no culto cívico; encontra-se completa no livro: Há Um Deus em tua vida (p. 86,87).

### Uma prece de amor, de Myrtes Mathias

Brasil grande, tão grande,  
lá em cima no norte, o suor a escorrer;  
enquanto no sul os bois “tomam sorvete”  
no pasto que a geada fez lençol de linho,  
branquinho, branquinho, bonito de ver.

(...)

Por amor de ti mesmo,  
por amor de minha terra,  
por amor aos perdidos,  
faze-me bênção em teu plano de luz.

Quero estar entre aqueles  
que levam os filhos da pátria  
a dobrar os joelhos aos pés de Jesus.

Esta é a prece que faço neste ano de festa  
e, tu bem o sabes, é uma prece de amor.  
Quero ver minha pátria provando ao mundo  
o axioma profundo:  
“Bendita é a nação cujo Deus é o Senhor!”

*Westh Ney Rodrigues Luz*

*Louvor*

ISSN 1984-8676

Literatura Batista  
Ano 42 • Vol. 3 • Nº 160

LOUVOR é uma revista destinada aos ministros e diretores de música, estudantes de Música Sacra, professores, regentes, pianistas, organistas, coristas, instrumentistas em geral, pastores, comissão de música, grupos musicais e todos aqueles interessados no programa de música e adoração da igreja local. Inclui matérias de técnica musical, reportagens, artigos inspirativos e partituras sacras. Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não expressam necessariamente a opinião da Redação

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

ENDEREÇOS  
Caixa Postal, 13333 – CEP 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS



EDITOR  
Sócrates Oliveira de Souza

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Solange Cardoso de Abreu d'Almeida  
(RP/16897)

REDAÇÃO  
Westh Ney Rodrigues Luz

DESIGN  
Marcelo Leiroz Pinto (malepi)

PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO  
Convicção Editora  
Tel. (21) 2157-5567  
Rua José Higino, 416  
Prédio 16 – Sala 2 – 1º Andar  
Tijuca – Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20510-412  
literatura@conviccaeditora.com.br



WESTH NEY

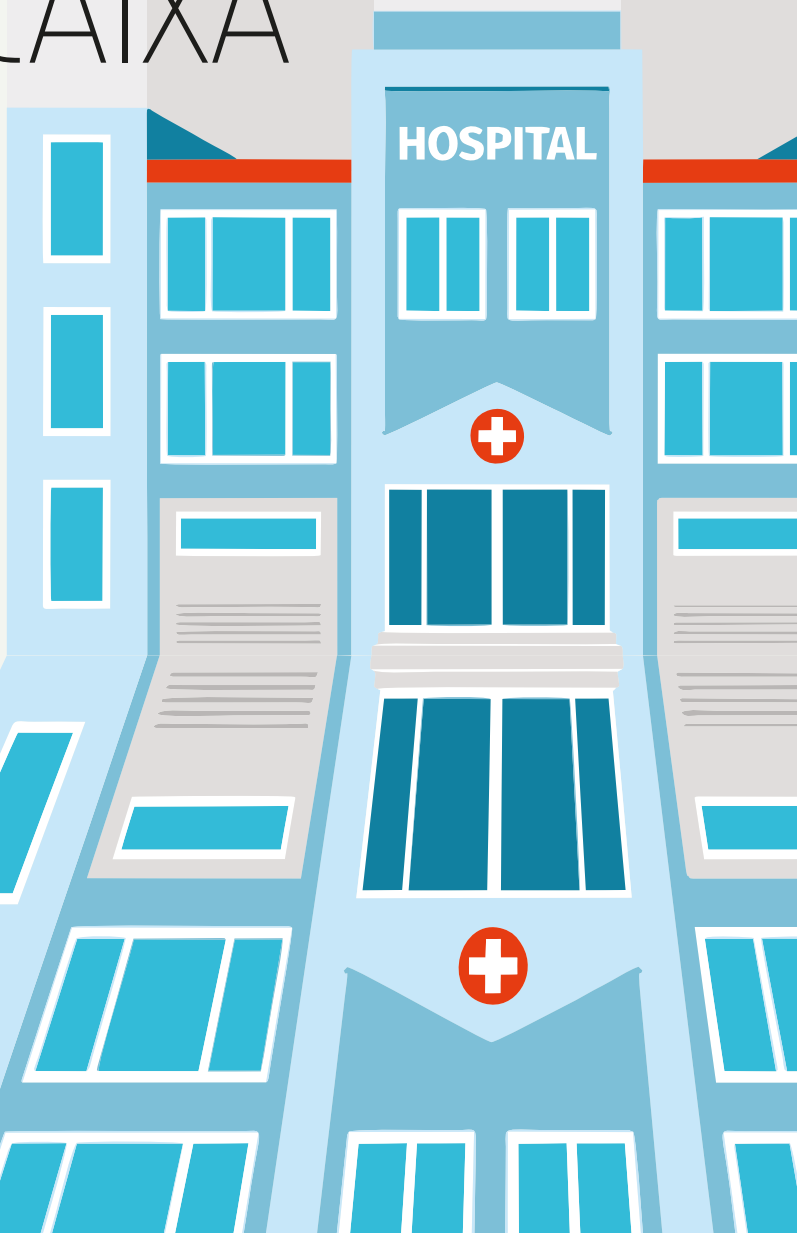
A Conversa afinada será com a professora Westh Ney Rodrigues Luz que narra a experiência de cantar nos hospitais e com depoimentos de outros músicos de igreja que executam música fora das quatro paredes, neste caso, em hospitais

# MÚSICA FORA DA CAIXA

## CANTORIA NOS HOSPITAIS

“Os primeiros relatos escritos sobre a influência da música no ser humano foram encontrados em papiros médicos egípcios pelo antropólogo inglês Flandres Petrie, por volta de 1899 (Leinig, 1977). Na Grécia antiga, a doença era compreendida como o desequilíbrio dos elementos que constituíam a natureza humana. A música aparecia para reequilibrar, por ser de ordem e harmonia dos sons (Toro, 2000).

Segundo Costa (1989), durante a Primeira Guerra Mundial, a música foi utilizada nos hospitais dos Estados Unidos por músicos profissionais, após comprovação dos efeitos relaxante e sedativo, produzidos pela audição musical nos doentes de guerra. Na Segunda Guerra Mundial, a música ressurgiu como terapia nos Estados Unidos, em hospitais para recuperação de neuróticos de guerra e, na Argentina, por ocasião de uma epidemia de poliomielite, que dizimou centenas de pessoas. Esses fatos levaram à criação dos primeiros cursos de formação de musicoterapeutas na Argentina e nos Estados Unidos.



O uso da música no campo da saúde não tem sido somente uma prática de musicoterapeutas. Outros profissionais de saúde utilizam a música em suas práticas. Há ainda músicos profissionais ou amadores que realizam apresentações musicais nos hospitais. Os educadores musicais também atuam no hospital, com o objetivo de ensinar música ou como forma de promover melhoria na qualidade de vida do paciente internado, ou seja, a humanização no ambiente hospitalar. Nessa proposta de humanização, a música se insere, por meio do fazer musical, do agir sobre o objeto musical, no qual o paciente tem um papel ativo na busca de sua melhoria e alta hospitalar. As atividades musicais de cantar, tocar um instrumento e ouvir música podem exercer um papel terapêutico” (Davison da Silva Júnior, que é especialista em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música. Cognição da Universidade Federal do ABC).

Este texto introdutório faz parte de um artigo completo e interessante sobre Música e Educação publicado pela Revista ABEM, v. 20, nº 29, 2012, com o seguinte título: “Música e saúde: a humanização hospitalar como objetivo da educação musical”, escrito pelo dr. Davison da Silva Júnior.

### CANTORIA NO HOSPITAL EVANGÉLICO DO RIO DE JANEIRO

Durante seis anos participei da “cantoria” nesse hospital, como voluntária. Aliás, todos os que cantam semanalmente são voluntários. Esse programa está ligado à capelania do hospital e quando cheguei, fui a terceira regente a dirigir o grupo pequeno dos remanescentes que já estavam cantando uma vez por mês, ensaiando na bonita capela do hospital, construída há 100 anos com recursos doados por duas senhoras evangélicas. Cultos de Páscoa, aniversário do hospital e Natal eram feitos ali para todos e durante três anos participei desses eventos.

O coro do hospital, assim chamado, na realidade só tinha um funcionário administrativo participando. As pessoas que cantavam neste grupo, há anos, tinham um sentido de missão e eram oriundos de igrejas evangélicas.

O reverendo João Brillhante, da igreja presbiteriana foi capelão durante os 6 anos em que estive como regente e tecladista do grupo. Na sala do capelão, há arquivos que herdei com muitas partituras sacras com cunho de evangelização, folclóricas e populares para coro misto. A dificuldade de aprendizado para cantar em vozes levava parte do tempo que deveria ser usado para cantar nos corredores. A prática era cantar três músicas nos corredores, sendo uma delas popular. Durante o processo percebi que deveria cantar músicas religiosas mais conhecidas e fáceis.

Com o tempo, alguns coristas antigos, na maioria idosos, tiveram suas dificuldades peculiares e precisei lançar mão de partituras mais simples a duas ou três vozes.

Os enfermos e seus cuidadores ficam nas portas dos quartos, ouvindo, chorando e sorrindo para nós. Muitos

filmam e levam depois para os enfermos que estão presos em suas camas, e enviam para seus parentes. Alguns chegam até os corredores onde estamos cantando, em cadeiras de rodas, andadores, com os enfermeiros ajudando-os com o soro. Lembro de quase todos eles. O acompanhamento é feito sempre com um pequeno teclado. Algumas vezes violino, flauta, violão, dependendo da disponibilidade de quem pode estar presente no dia da cantoria.

A pedido dos médicos e profissionais da saúde, o projeto passou de uma vez ao mês para 15 em 15 dias, e em seguida, semanalmente. Há três anos fomos convidados para cantar também nos três CTIs (Centros de Tratamento Intensivo). Convidei meus alunos do curso de licenciatura em música e gestão de música na igreja, do Seminário do Sul, para participarem e muitos contribuíram. Recebem em troca, horas para suas atividades complementares do curso. Alguns participam esporadicamente e outros mais amiúde. Os ensaios são somente uma pequena leitura minutos antes.

Alunos nem sempre são constantes por causa de suas tarefas estudantis, e a ajuda do meu grupo feminino Coro Cantares, da Igreja Batista Itacuruçá, que me ajudam, apesar do horário meio apertado – às quartas-feiras, das 16h até as 17h. Cantamos em grupos pequenos de 5 a 12 pessoas para não tumultuar os corredores e nem os CTIs.

Quando mudei o repertório para algo mais simples e conhecido até por não religiosos, percebi que muitos cuidadores e servidores da área de

## APLICAÇÃO DA MÚSICA COMO TERAPIA



Egito Antigo

Papiros médicos



Grécia Antiga



1899

Flinders Petrie (antropólogo inglês)  
Descobridor dos papiros médicos egípcios



Primeira Guerra Mundial (1914–1918)

Hospitais EUA



Segunda Guerra Mundial (1939–1945)

Epidemia poliomielite (Argentina) | Primeiros cursos musicoterapia (Argentina/EUA)

## CONVERSA AFINADA

saúde e de limpeza geral passavam pelo grupo cantando ou balbucian-do. As canções sacras veiculadas das rádios eram as mais apreciadas. Os hinos mais antigos do Cantor cristão também. O repertório, em alguns momentos, trabalha restaurando alguma memória afetiva emocional do passado pois muitos idosos sentem muita alegria quando escutam algo perdido nas suas memórias. Cantamos sempre em português e escolhemos muitos hinos ou canções características de falar à alma, consolar e com letras diretas. O antigo hino 33 do HCC, Deus cuidará de ti, do casal Martin, é sempre cantado no início e final de cada cantoria. Muitas vezes, só o estribilho e, em outras, a 1ª estrofe. Quando percebemos que alguém está chorando, mesmo com o horário avançado, repetimos a estrofe e estribilho, garantindo para os corações doloridos que Deus cuidará de ti, de mim e de nós, mesmo que o coração esteja triste e aflito. O antigo hino 308 do CC, Sou feliz com Jesus, meu Senhor, é muito cantado. Ele é dono da chuva, do sol e do ar (202, HCC), Grandioso és Tu (52, HCC), Gratidão (Jeremias Pereira). Os cânticos contemporâneos como Sonda-me Senhor e me conheces, Ao Rei dos reis consagro, Entrego a Ti minha oração, Se o trovão e o mar se erguendo vem, são conhecidos dos novos crentes e mesmo os que não têm relação com alguma igreja são ouvintes das rádios e gravações. Eu sei que vou te amar (Tom e Vinicius de Moraes), Minha Jangada (Dorival Caymmi), Vira Virou (Kleiton e Kledir) e Luar do Sertão com Felicidade de Lupicínio Rodrigues são algumas das canções populares que tocam os corações. Cantamos sempre o Pai Nosso, de Camiliere, em uníssono para que todos possam se identificar com a oração do Senhor, mesmo não sendo religiosos.

Usei essa metodologia quatro anos, acrescentando algumas melodias mais propícias ou momentos ocasionais como Natal. Precisamos ter cuidado na escolha do repertório para não cantar nada sobre a vida futura, céu, pecado e morte ou Samba-lelé que está com a cabeça quebrada e precisando de dezoito lambadas.

## AS ORIENTAÇÕES HOSPITALARES

Cada hospital tem suas regras e precisamos cumpri-las e entender também as do órgão regulador – ANVISA.

As regras recebidas do capelão no Hospital Evangélico são: cabelos presos, sem muitos ornamentos para nossa própria segurança; não tocar nos enfermos, nem nos cuidadores; não compartilhar partituras; não garantir que ele, o enfermo, ficará curado e sairá em breve de lá, pois isso pode ser um fator de frustração. A única função do grupo é cantar.

## OS RESULTADOS

Quando terminamos de cantar acenamos para todos que estão ao redor, com amor, sorrisos e dizemos: “Deus abençoe você, tenha força, paz, esperança. Deus te guarde”.

Partimos da capela para a cantoria e terminamos na própria capela onde oramos por todos os que vimos e nos ouviram. Sempre pensamos que nunca saberemos o alcance desse ministério. As sementes são lançadas, mas não sabemos quais irão germinar ou florescer. O crescimento e os resultados só a eternidade verá.

O capelão disse que muitos ao ouvirem nosso canto, nos dias seguintes pedem uma visita dele, estudos bíblicos, fazem sua rendição ao Senhor no seu leito de dor. Alguns nada sabem da Palavra de Deus, outros são pessoas afastadas da comunhão eclesial e outras totalmente afastadas dos caminhos que um dia trilharam ao lado do Senhor.

Recebo convites para estar em outros hospitais, inclusive, com o coro feminino da minha igreja, o Cantares e, quando posso, vou. Então, tenho dito mais não do que sim. As necessidades são muitas. Tenho um chamado maior que é servir a Deus ensinando no Seminário do Sul, mas não pude deixar de fazer este trabalho no Hospital Evangélico, pois vi ali também um braço de testemunho e de ensino para meus alunos do Seminário.

Sou mais feliz hoje do que quando comecei no velho esquema de coro



formal, quando não toco e posso cantar conduzindo de forma discreta. O grupo que canta o que acredita e que ama as pessoas faz a diferença e enquanto cantamos estamos orando por todos os que vemos e os que não vemos, e assim temos chegado até o coração das pessoas. Elas dizem que somos um presente para eles. Nós é que somos presenteados quando lá estamos. A Deus honra e louvor.

Solicitei aos músicos batistas que participam da lista da AMBB – Associação dos Músicos Batistas do Brasil – depoimentos sobre as experiências deles e dos seus grupos em hospitais:



**Emirson Justino, da Igreja Batista Morumbi em São Paulo, SP**

Tive apenas duas experiências de cantar

em hospital. As duas foram realizadas no mesmo local, o Instituto Lucy Montoro, em São Paulo, especializado em reabilitação de acidentados ou pessoas com problemas de locomoção e movimentação.

A primeira participação aconteceu na época da Páscoa. Apresentei-me sozinho, tocando violão e cantando. Escolhi hinos do HCC que falavam sobre o tema. Na segunda, época de Natal, apresentei-me com mais três pessoas (...) e com outro rapaz no violão. Cantamos hinos de Natal do HCC, músicas natalinas (...) Não falamos nada, apenas cantamos e desejamos um feliz Natal a todos (...) Foi muito interessante ver as reações das pessoas. Alguns ficavam respeitadamente indiferentes, outros prestavam muita atenção. Marcou-me muito um senhor de 80 anos que fazia fisioterapia. Enquanto cantávamos, ele fazia os

movimentos de acordo com o ritmo e o andamento das músicas. Sempre fomos muito bem recebidos, sendo aplaudidos e recebendo o agradecimento de todos (...). Sair das “quatro paredes” e ver as necessidades físicas e espirituais das pessoas.



**Wesley Figueiredo, aluno de Licenciatura em Música no Seminário do Sul/FABAT**

Tive a oportunidade de fazer música em dois hospitais em 2018, onde, por meio dela, pude levar uma qualidade mais emocional do que profissional. Sou trompetista do Exército e toquei no Hospital Geral do Andaraí e no Hospital Geral do Exército. Pude entrar em várias alas, tocando meu instrumento, levando um pouco de consolo, agradecendo a Deus por esse momento tão simples, mas importante. Toquei para pessoas em estado terminal, e outras que em breve estariam de alta. Utilizamos repertório que nos traziam reflexões sobre a vida, sobre a vontade de viver, ou lutar pela vida. Uma das canções que me marcou naquela ocasião foi “Noites traiçoeiras” do padre Marcelo Rossi, as pessoas cantavam e se emocionavam conosco. Isso não tem preço. Também tive a oportunidade de participar do trabalho no Hospital Evangélico, onde pude presenciar algo extraordinário, que está em minha memória até o dia de hoje.



**Luciana das Neves Netto Moraes, membro da PIB de Santa Margarida, Campo Grande, RJ**

Em 2005, a PIB de Parque Independência, Bangu, RJ, recebeu a visita da missionária Sônia Barbosa que compartilhou sobre seu trabalho como capelã do hospital HEMORIO. Ela convidou a equipe de cânticos para fazer um trabalho musical no auditório, uma vez por mês. Todo o segundo domingo do mês, estávamos com toda a alegria no HEMORIO. Em pouco tempo, nós começamos a ir às enfermarias, corredores e salas dos enfermeiros e médicos para fazer-lhes

o convite. Com o passar do tempo, percebemos que muitos gostariam de estar no auditório conosco, mas eram impossibilitados por alguma enfermidade. A missionária pediu que começássemos a ir às enfermarias. Cantávamos, orávamos, conversávamos com os pacientes internados e familiares, levávamos uma palavra de esperança e tudo isso com a aprovação de Deus e da diretoria do hospital. No mês das crianças, levamos nosso coro infantil, com brinquedos, para cantar e brincar com as crianças internadas. Na época do natal, o coro misto cantou conosco músicas natalinas pelos corredores e emocionou muitas pessoas. Permanecemos no HEMORIO até meados de 2007, quando uma bactéria foi detectada no hospital e o trabalho foi interrompido por tempo indeterminado.



**Débora Fonseca de Medeiros Martins, aluna do Curso de Música do Seminário do Sul/FABAT**

Sou membro da Igreja Batista Central em Bonsucesso, Rio, RJ, pastor Dejalmer Waldhelm. Temos um trabalho fixo uma vez por mês no hospital Miguel Couto, no Rio de Janeiro. Conseguimos a abertura por meio da missionária Devanir, capelã do hospital. Participei levando o Coral Jovens Adoradores duas vezes para cantar em 2018. Na primeira vez, cantamos louvores e músicas do repertório do coro. Na segunda vez, apresentamos a cantata de Natal “Alegría”. Começamos na recepção, fomos a várias salas do hospital. Desde os corredores, enfermaria, neurologia até o CTI. Cantávamos duas ou três músicas na ala, em seguida o grupo se dividia para orar junto com os doentes e falar do amor de Jesus. Quando havia oportunidade, apresentávamos o plano da salvação. Na primeira vez, tivemos um resultado de aproximadamente 15 conversões. A missionária anotava os nomes, as alas, e depois fazia um acompanhamento da pessoa que se decidiu. Certamente, o trabalho é tão gratificante para quem realiza quanto para quem recebe as canções e orações. Olhar no olho, transmitir o amor

de Jesus, levar alegria num momento de dor ou simplesmente dizer: “você tem valor pra Jesus”, com certeza faz diferença na vida daquelas pessoas e dos familiares que por vezes estão por perto e recebem da mesma forma.



**Lília Gasparini, Igreja Batista Itacuruçá e cantora voluntária no Hospital Evangélico, Rio**

Sempre entendi a igreja fora de seus muros. Muitos anos incomodada com o desejo de obediência ao IDE, mas com dificuldade de fazer abordagens diretas, me acomodei. A oportunidade se deu quando retornei ao Coro Cantares da Igreja Batista Itacuruçá e ali me encontrei com este ministério de cantar nos hospitais. Finalmente, havia chegado o momento de obedecer e ir. Muitas vezes me comovi, mas também me perguntei quem era mais abençoado e feliz, pacientes ou eu?



**Elizete Fonseca Oliveira, Igreja Batista Itacuruçá, é cantora voluntária no Hospital Evangélico**

São tantos sentimentos que é impossível dimensioná-los. Lembro-me que no primeiro dia fiquei controlando minha emoção para que não se transformasse em lágrimas, quando cheguei em casa comentei com minha irmã mais velha (que bem conhecendo meu lado emocional vulcânico, me disse: se cuida pra você não adoecer, então respondi com uma segurança além de mim: EU NÃO VOU ADOECER. Minha pergunta é: Eu os faço felizes ou saio dessa experiência ainda mais feliz?



**Neaci Pinheiro – Coro Hosana da Primeira Igreja Batista do Rio, RJ**

Quando assumi a regência do coral Hosana – coro feminino da PIBRJ – em julho de 2010, esta atividade já era realizada. Fazemos várias apresentações natalinas em diversos andares do Hospital Central da PMERJ. Temos

reunido entre 20 e 25 componentes para isso. Os ministérios de música ou evangelismo e missões tomam providências para que equipes de apoio nos ajudem no transporte das cantoras, do equipamento de som, na entrega de literatura em cada andar, e também participem em momentos de oração nas enfermarias. O capelão do Hospital, Pr. Aguiar e a capelã Azia Louzada (da PIBRJ) agilizam toda a logística do evento. Cantamos durante 2 h aproximadamente em vários andares, previamente determinados (...) Cantamos acompanhados ao playback. Sempre convoco todos nos andares, ao final da apresentação de quatro ou cinco músicas, para que cantem conosco um singelo arranjo para coro e congregação do tradicional “Tudo é Paz” (30, CC). Esse é um momento de interação do Coro com pacientes, familiares, visitantes, técnicos, profissionais da saúde e terceirizados, que conseguem se deslocar ao corredor ou área onde o grupo vocal está.

Uma experiência marcante do potencial na música como terapia capaz de resgatar a história musical de uma pessoa, aconteceu com uma ex-corista, internada ali e submetida a uma cirurgia pra retirada de um tumor no cérebro. Os médicos haviam mencionado a possibilidade de ela perder informações do seu passado, de ficar incapaz até de reconhecer pessoas. Naquele Natal pudemos cantar na enfermaria onde ela estava (...) Quão grande foi nossa surpresa, quando, embora Elza não tenha reconhecido outras músicas do seu tempo e que cantamos, começou a cantar o contralto, no momento em que começamos o Tudo é paz (...) Muitas vezes fomos convidadas a cantar para detentos em tratamento a pedido deles, próximo de suas celas. Em cada andar, nós nos identificamos e explicamos o motivo da atividade e deixamos uma palavra bíblica com brevíssima explicação para todos. Oramos no local da apresentação e muitas vezes temos que designar pequenos grupos para orar em enfermarias a pedido dos enfermos ou familiares.

Em dezembro de 2018, a família de uma paciente em estado terminal, por

desejo da enferma, pediu que cantássemos e orássemos com ela. Muito impactante para todos. Esta tem sido, desde dezembro de 2010, uma atividade abençoadora para minha vida e para a vida de cada uma hosanista que consegue participar desse ministério, que a música tem competência para realizar, fora das paredes do templo.

### Testemunho de uma hosanista

(...) Sinto que é uma forma de evangelizar os pacientes, acompanhantes, familiares e funcionários do hospital e também alegrá-los. Percebo que as pessoas ficam muito receptivas nesse momento com a mensagem do Senhor de forma cantada. Elas valorizam esse momento. Estão “sedentas” da Palavra de Deus (...) A situação do sofrimento de pessoas em ambiente hospitalar é amenizada com a apresentação do coro. Em dezembro de 2018, tivemos oportunidade de cantar em uma enfermaria a convite de uma paciente, que se emocionou muito, porque segundo ela, sentia muita falta de sua igreja.

As pessoas que ouvem os hinos, se sentem felizes e tocadas com tudo que está acontecendo. É momento de enlevo e reflexão. Ali cumprimos o “ide de Jesus”, que nos convoca a divulgar a sua Palavra e também visitar os enfermos.

• **Sueli Pacheco Maria Quintiliano** – Coral Hosana, Primeira Igreja Batista do Rio, RJ.

O objetivo dessa matéria é incentivar e mostrar várias formas de usar a música fora das quatro paredes do templo e diversas metodologias de como fazer. Que possamos alcançar outras pessoas levando um lenitivo para suas dores. Que

Deus abençoe todos que se envolvem nesse ministério.

De cima para baixo: Dentro da capela do HE; nas escadas da capela; no CTI do HE



# CORO

A PREPARAÇÃO VOCAL  
NO TRABALHO DA CONSTRUÇÃO  
DA SONORIDADE DO CORO INFANTIL  
Introdução, técnica vocal e aquecimento

# INFANTIL



MALEPI



RACHEL ABREU

## INTRODUÇÃO

Para toda atividade física que realizamos, reconhecemos a necessidade de uma preparação. Na área do canto coral não deve ser diferente. Ramos e Moreira (2014) afirmam que há um consenso na área coral de que a pre-

paração vocal é importante para que se construa, de modo eficaz, a performance do grupo e, ainda, que a preparação vocal é fundamental para que se mantenha a saúde vocal dos coralistas (...) Assim, a concepção de preparação vocal nos dá uma visão mais ampla e mais musical do trabalho realizado com os cantores no ensaio coral, que um simples aquecimento (...) engloba os exercícios essencialmente fisiológicos e com fins musicais como afinação, fraseado, dinâmica, associados às qualidades vocais como apoio,

sustentação, ressonância, articulação (Ramos e Moreira, 2014, p. 1).

Estes princípios se aplicam a todos os tipos de coros assim como ao coro infantil. Isto nos levou à observação de que nos ensaios de coros e em conversas com regentes, muitas vezes, o momento da preparação vocal era negligenciado. A principal razão apresentada estava relacionada à falta de domínio da pedagogia relacionada à técnica vocal. As possibilidades apontadas por estes, para evitar que tal momento fosse prejudicial ao cantor, passam pela repetição de exercícios realizados sem um objetivo determinado e sem conhecimento do resultado fisiológico e sonoro ou, até mesmo, a exclusão desse momento do ensaio e a solicitação de que cada cantor já “venha aquecido”. Há regentes que preferem não mexer na voz do seu coralista, buscando ater-se à leitura do repertório, entendendo ser esta atitude menos prejudicial à saúde vocal e aceitando a sonoridade construída sem orientação deste aspecto.

Entendo que este não é o melhor caminho e que o período de preparação vocal permite ao cantor melhor condicionamento vocal, bem como pode ser utilizado para o trabalho de desenvolvimento da sonoridade coletiva e que é importante que o regente procure buscar os conhecimentos necessários para trabalhar a voz de seus cantores e, conseqüentemente, interferir na sonoridade do coro. Independentemente da metodologia utilizada, a preparação vocal bem direcionada permite a utilização adequada da voz, “num trabalho integrado de percepção musical, escutando melhor a si



mesmo e aos colegas, encontrando o timbre mais apropriado para o canto em grupo. A partir daí, o regente constrói o som do coro, buscando um timbre homogêneo, equilibrado e saudável” (Ramos e Moreira, 2014, p. 1).

Entender a importância da preparação vocal de cada componente que a compõe é saber que um bom trabalho de técnica vocal contribui para a construção da sonoridade do grupo.

Bartle afirma que o desenvolvimento de um som refinado no coro, por meio da atuação do regente, depende de cinco itens: (1) do ensino consistente de um som puro e uniforme das vogais; (2) de exercícios de aquecimento (warm-ups) usados para desenvolver as vozes; (3) do ensino de um bom apoio respiratório; (4) do repertório selecionado para o estudo das crianças; (5) de uma atmosfera positiva de ensino, criada pelo regente do ensaio” (Ramos e Moreira, 2014, apud Bartle, 2003, p. 16).

Estes exercícios, de acordo com Bartle (2003), podem ser utilizados “não apenas para aquecer a voz e ensinar uma sólida pedagogia vocal, mas para focar a atenção das crianças e melhorar sua escuta interna; os exercícios podem criar uma atmosfera estimulante para o trabalho intenso que se seguirá” (Ramos e Moreira, 2014, apud Bartle, 2003, p. 151).

Nosso estudo está voltado para o momento separado à preparação vocal de um coro infantil e sua influência na construção da sonoridade do coro. Destacaremos alguns dos aspectos influentes para a construção da sonoridade. A técnica vocal, seja ela utilizada para o aquecimento, para a administração da respiração e postura, ou na vocalização são alguns destes elementos.

## TÉCNICA VOCAL

Antes de falar de técnica vocal, precisamos lembrar que o conhecimento científico sobre o comportamento do aparelho fonador é algo extremamente

recente. “Somente no final do século passado, em 1854, quando Manoel Garcia inventou o laringoscópio, é que se pode observar pela primeira vez as cordas vocais em movimento” (Lisboa, 2013, p. 15, apud Félix, 1997, p. 12). Sendo assim, no início do século 20 muitos autores passam a enfatizar a fisiologia da voz como matéria principal para o estudo do canto. Félix expõe que autores afirmavam “ser a imitação a base de todas as velhas escolas de canto, porque antigamente não se conhecia o funcionamento do aparelho fonador” (Félix, 1997, p. 12).

O desenvolvimento do estudo da fisiologia da voz permitiu que o canto

desde que seja ministrada por profissionais competentes e devidamente preparados” (Carnassale, 1995, p. 24).

Com relação à instrução vocal infantil, o fator imitativo é algo extremamente importante.

O período da imitação vocal compreende as primeiras tentativas de reprodução de sons e de frases melódicas. A precocidade dos resultados, nesse período, parece estar condicionada à colaboração do meio familiar, e a qualidade dos resultados dependerá da qualidade dos modelos (Carnassale, 1995, p. 22, apud Mársico, 1979, p.13).

Ao falar da voz infantil, alguns

autores defendem que o treino dela, deve ser adiado pelo fato das pregas vocais ainda estarem em transformação e por acreditarem que vocalizes e exercícios de técnica podem danificar a voz infantil.

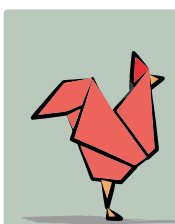
Esta preocupação era comum no início dos estudos da fisiologia da

voz, por isso, a atenção às questões da saúde foram mais valorizadas no início do século 20 do que as demais questões que hoje, sabemos, também se relacionam com a técnica vocal.

A origem da palavra técnica remete ao grego *tekhné*, cujo equivalente latino é o termo *ars*, arte, designando uma atividade mediante a qual se faz alguma coisa. A distinção entre arte e técnica era pequena, sendo a *tekhné* uma atividade sujeita a regras para atingir-se um determinado objetivo. Neste sentido estrito, *tekhné* refere-se aos ofícios, instrumentos, ciências, opondo-se semanticamente ao acaso, ao natural.

Para Heródoto, *tekhné* é fazer de forma eficaz; para Platão, é a realização de alguma coisa, ou seja, mecanismo de ação para garantir e melhorar a existência do homem; para Aristóteles, a *tekhné* é um conhecimento prático que visa um objetivo final (Carnassale, 1995, p. 22, apud Tavares, 2001, p. 11).

Com relação à técnica vocal, Figueiredo (1990) defende que esta “deve ser entendida além do aquecimento



Segundo três grandes pensadores...

### O que é TÉCNICA (tekhné)?

- Para **Heródoto**, é fazer de forma eficaz;
- Para **Platão**, é a realização de alguma coisa, ou seja, mecanismo de ação para garantir e melhorar a existência do homem;
- Para **Aristóteles**, é um conhecimento prático que visa um objetivo final.

fosse entendido em sua totalidade. Atualmente, possuímos “elementos suficientes para definir a técnica vocal como uma maneira particular de desempenhar a função da voz no canto de forma a ser ao mesmo tempo eficaz e eficiente” (Carnassale, 1995, p. 19).

“A instrução formal relativa ao canto significará (...) aquele tipo de transmissão de conhecimento não espontâneo – porque não é deixado correr ao acaso – e que se baseia em critérios obtidos por meio dos estudos científicos. A instrução, feita por meio da palavra (explicações) em conexão com a ação (exercícios), terá como consequência a aquisição de uma habilidade em reação ao canto que antes não existia, ou ainda, a melhora da eficiência de cantar” (Carnassale, 1995, p. 21).

Apresentaremos parâmetros necessários à formação da sonoridade coral e, na construção da performance, abordaremos a sua aplicação na técnica vocal. Isto “pode ser um agente contribuinte ao desenvolvimento de uma voz saudável e expressiva,

vocal". Já Phillips (1992) aponta que ela "está relacionada com a melhoria da qualidade da produção vocal". Mas é Cornelius (1983) quem diferencia técnica vocal dos objetivos do treinamento: técnica vocal é a maneira pela qual o mecanismo vocal reage; é o elo físico entre o intento artístico e a expressão artística. A técnica de uma função que está em conformidade com as leis naturais é eficiente; aquela que viola essas leis é ineficiente. O principal objetivo do treinamento vocal, portanto, é estabelecer uma técnica que realiza e concorda com o movimento potencial do sistema muscular e orgânico envolvidos no processo de fonação (Carnassale, 1995, p. 18, apud Cornélius: 1983).

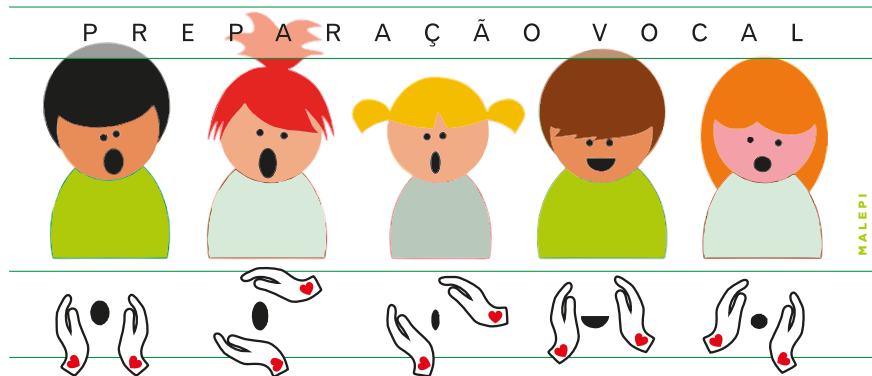
Abordando sobre a técnica vocal nesta parte, não temos por objetivo esgotar o assunto, mas apontar fatores que, por vezes, são negligenciados por regentes e que fazem singular diferença no resultado prático do seu grupo coral bem como preservam a saúde vocal.

A performance musical é dependente tanto da técnica como da capacidade artística do executante. Da mesma forma que o regente ensinou aos membros de um coro as técnicas de produção vocal e canto em conjunto, assim [também] ele deve oferecer-lhes orientação no desenvolvimento de sua sensibilidade à realização artística. Neste nível do fazer musical, o regente está lidando quase exclusivamente com elementos sutis. Uma característica distintiva da realização artística é o refinamento, a sensibilidade para mudanças pouco perceptíveis na sonoridade, ritmo e dinâmicas. O regente deve ser uma pessoa sensível e estar apto a transmitir tais refinamentos para os cantores (Fernandes, 2006, p. 36, apud Heffernan, 1982, p. 11).

É importante que, se possível, cada coralista seja acompanhado de forma individual quanto às questões relacionadas à técnica vocal.

## AQUECIMENTO

É uma característica bem trabalhada por parte de regentes antes do ensaio, propriamente dito, mas



nem sempre dominada ou entendida. Quando falamos de aquecimento, devemos abordar tudo o que se refere à habilidade motora para funcionamento do aparelho fonador. Já ouvi professores de canto e regentes orientarem seus alunos a estarem totalmente relaxados para o canto. Vale lembrar que, se isso acontecer, a voz não será produzida. Os músculos da fonação precisam estar trabalhando. Relaxada deve estar toda musculatura que não age diretamente na formação sonora, mas que pode influenciar sua projeção, tais como musculaturas do pescoço, corpo, ombros. Por isso, ouvimos "relaxamento corporal".

Estes elementos apontam para melhor postura "que prepara o corpo para cantar (...) diz respeito ao posicionamento do corpo no espaço e ao controle da musculatura corporal para mantê-lo no decorrer do tempo, além de ser uma das bases para a boa respiração" (Carnassale, 1995, p. 75).

Muito utilizado também no momento do aquecimento, e não menos importante, é a vocalização. Pedro Moreira em seu "Compêndio de técnica vocal" aborda esta questão: "Quando, sem um preparo prévio de vocalização, as crianças se põem a cantar, o fazem gritando, com esforços prejudiciais à sua laringe, que é tão débil quanto de grande vulnerabilidade" (Carnassale, 1995, p. 22, apud Moreira, 1937, p. 135).

Esta preparação deve permitir que os músculos do aparelho fonador estejam aptos à realização das obras no período do ensaio. Deve acontecer também antes da performance.

Sabemos que as primeiras experiências musicais acontecem quando a criança ainda é um bebê e isso faz

com que pensemos na nossa responsabilidade quanto à instrução formal vocal infantil.

Certamente é possível e apropriado treinar vozes infantis para cantar. Além do mais, até razoável começar o treino tão logo a criança demonstre aptidão e leve a sério interesse pelo canto. Contudo, o treino deve ser direcionado para evitar os abusos vocais e buscar um desenvolvimento gradual da musculatura vocal e do seu controle. Uma técnica errônea numa infância tenra, pode delinear dificuldades vocais durante toda a vida pelo desenvolvimento impróprio de músculos usados no canto (Carnassale, 1995, p. 25, apud Sataloff e Spiegel, 1989, p. 36).

No momento do aquecimento, é importante que seja feito também um trabalho de consciência da administração da respiração, postura e vocalização. As orientações dadas permitirão ao coralista melhor controle de sua musculatura, evitando possíveis complicações que poderiam ser causadas pelo uso indevido da voz.

*Obs.: A próxima revista trará a continuação e finalização deste artigo que tratará dos seguintes pontos: administração da respiração e postura, respiração média, mista ou torácica, vocalização, conclusão e referências.*

**RACHEL ABREU PEREIRA** – Graduada em Composição, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Bacharel em Música Sacra pelo Seminário do Sul (STBSB) com especialização em Educação Musical, é Mestre em Música pela UFRJ e pós-graduada em Regência Coral pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM), onde leciona para os cursos de Bacharelado e Licenciatura. É ministra de música desde abril de 2000 e atualmente está na 1ª Igreja Evangélica Batista na Penha, Rio, RJ.